

2009

n. 01- 02/ janeiro-fevereiro

dma

da mihi animas

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA



é sempre tempo de amar



da mihi animas

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma RM

tel. 06/87.274.1

fax 06/87.13.23.06

e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi

Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi – Piera Cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia Di Massimo – Dora Eyllenstein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Palma Lionetti - Anna Mariani – Cristina Merli – Maria Helena Moreira – Concepción Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Loli Ruiz Perez – Rossella Raspanti – Lucia M. Rocés – Maria Rossi.

Tradutoras

francês – Anne Marie Baud

japonês - inspetoria japonesa

inglês - Louise Passero

polonês - Janina Stankiewicz

português – Maria Aparecida Nunes

espanhol - Amparo Contreras Alvarez

alemão - inspetorias austriaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice - 00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81 – c.c.p. 47272000 – Reg. Trib. Di Roma n. 13125 del 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96 – Filiale di Roma – n. 3/4 marzo-aprile 2008 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 – 00181 Roma.

Traduzida para a Língua Portuguesa

n. 01-02_ janeiro-fevereiro_2009

Sumário

| | | |
|--|--|-----------|
| Editorial | <i>DMA 2009</i> | 4 |
| Dossiê | <i>É sempre tempo de amar</i> | 5 |
| Primeiro Plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos | | |
| <i>As mulheres na Palavra</i> | <i>Na escola de Maria</i> | 9 |
| <i>Vida consagrada e...</i> | <i>Evangelização</i> | 10 |
| <i>Ecumenismo</i> | <i>Um caminho de unidade</i> | 12 |
| <i>Fio de Arianna</i> | <i>É ainda possível?</i> | 13 |
| Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos | | |
| <i>Cooperação e desenvolvimento</i> | <i>Pequenas ações contra a pobreza</i> | 18 |
| <i>Pastoralmente</i> | <i>Intus legere</i> | 19 |
| <i>Polis</i> | <i>Medo no mundo</i> | 21 |
| Comunicar: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia | | |
| <i>Jovens.com</i> | <i>Geração Y</i> | 23 |
| <i>Estante Sites</i> | <i>Resenha sites Web</i> | 26 |
| <i>Vídeo</i> | <i>Gomorra</i> | 27 |
| <i>Estante</i> | <i>Vídeos e livros</i> | 29 |
| <i>Livro</i> | <i>A elegância do ouriço</i> | 31 |
| <i>Camilla</i> | <i>A respeito do Capítulo Geral</i> | 32 |

DMA 2009

Giuseppina Teruggi

Os caminhos pessoais e comunitários, neste ano, são orientados pelo evento capitular, definido *uma experiência de Cenáculo*. A cada FMA ele proporcionou linhas e perspectivas de futuro. A Revista DMA coloca-se nesta mesma amplitude. Continuará a acompanhar as FMA, os leigos e os jovens que se deseja envolver, no processo de assimilação e de tradução vital dos conteúdos surgidos do CG XXII, que se realizou em Roma. As Capitulares mesmas ofereceram propostas interessantes para tornar a Revista sempre mais fiel à sua natureza de canal formativo. E a Redação certamente levou isto em conta.

Alguns aspectos do tema do Capítulo serão aprofundados sobretudo por meio dos *Dossiês*. Enquanto serão suspensas as rubricas: *A lâmpada*, *O Evangelho da vida e Foto-click*, outras continuarão, e haverá novas. A repercussão do Sínodo dos Bispos, celebrado em outubro passado sobre: "A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja", encontrará expressão na seção *A mulher na Palavra*, com a apresentação da figura de mulheres da Bíblia. A atenção à nossa identidade de consagradas terá espaço na rubrica *Vida consagrada e...*, em face das situações atuais do mundo. Temas tratados: a evangelização hoje, a confrontação cultural, o serviço de autoridade/poder, a formação, a justiça social.

A realidade do *Ecumenismo* será considerada a partir do ano paulino, e se deterá sobre o relato de eventos ecumênicos e sobre a apresentação das Igrejas do Oriente.

Um aprofundamento do documento "Linhas orientadoras da missão educativa das FMA" será possível na seção *Pastoralmente*, na ótica de uma atenta leitura crítica dos fenômenos juvenis, para sair do que já foi mencionado, do já sabido. Deseja-se ler com simpatia a realidade do mundo juvenil, para nele colher desafios e oportunidades.

Durante o Capítulo, com frequência foi mencionado o texto "Cooperação ao desenvolvimento". Conservamos a rubrica *Cooperação e desenvolvimento*, com a apresentação também de alguns projetos de microcrédito e de microeconomia, para oferecer uma ajuda ao seu conhecimento.

Na seção *Polis* serão destacados alguns eventos e fatos ocorridos para uma análise dos fenômenos, deixando espaço à explicação de alguns termos. Em *Jovem.Com* também neste ano serão abordadas temáticas inerentes ao mundo juvenil e às novas tecnologias. Continuarão as rubricas *Fio de Arianna*, *Estante sites*, com a apresentação de Sites Web Interessantes, *Estante Vídeos e Livros*, *Vídeos-Livros*, *Camilla*.

Finalmente, no *Encarte* de cada número será apresentada uma história extraída do livro "O mundo perfeito", onde são selecionados episódios de crianças que olham o mundo e o descrevem a partir da própria perspectiva. Bom ano, então, em companhia da Revista DMA!

gteruggi@cgfma.org



É sempre tempo de amar

Mara Borsi
Anna Rita Cristaino

O Capítulo Geral XXII terminou já há alguns meses e as capitulares levaram para suas Inspetorias a experiência de um grande encontro com pessoas testemunhas do amor proveniente de Deus. Chegou o momento em que cada FMA é chamada, juntamente com os jovens e os leigos, a reescrever o carisma no hoje de Deus.

Um Capítulo Geral é um evento que sempre marca a história de uma família religiosa. Quem participou diretamente deste ou quem o acompanhou pela Internet sai com a renovada consciência de que o «carisma salesiano tem em si uma força de comunicação e de contágio capaz de entrar de modo eficaz nos lugares da pobreza, nos diversos contextos religiosos e culturais; é caminho para o diálogo e para o confronto intercultural e inter-religioso», como lembrou a Madre em sua intervenção que encerrou a assembléia capitular.

O chamado de Deus a ser sinal do seu amor nos alcança aqui e agora, no hoje da nossa história. De fato, é este o momento favorável para reavivar o fogo da fidelidade. João Bosco aprendeu a arte de educar na escola de Maria, a mulher que abre o caminho que conduz a Cristo. A mestra de sabedoria que no curso da história acompanhou a Família salesiana a ser expressão de amor aos jovens e às jovens.

Ao delinear o seu método educativo Dom Bosco afirma que a prática do sistema preventivo baseia-se nas palavras de São Paulo: «A caridade é benigna e paciente; tudo sofre, tudo espera e suporta qualquer aborrecimento (1 Cor 13 4-7). Por isso somente o cristão pode, com sucesso, aplicar o sistema preventivo». A Madre orientou a renovar a escolha de seguir o Senhor Jesus, sobre os percursos indicados por Dom Bosco e Maria Domingas Mazzarello. «*Da mihi animas; A ti as confio* – afirmou – são para nós palavra-sacramento, palavra exigente de paixão por Deus que se faz compaixão ativa pelas/os jovens. Esta palavra de vida constitui a nossa identidade, o nosso testemunho, a luz que queremos fazer brilhar nas comunidades educativas».

Na carta de Roma em maio de 1884, Dom Bosco evidencia a pouca credibilidade de uma comunidade empenhada em amar, mas incapaz de manifestar o amor com gestos compreensíveis e legíveis às/aos jovens, e que trabalha para conjugar a gestão das obras com o carisma. Hoje, como naquele tempo, o maior desafio fica para nós FMA e leigos, co-responsáveis pela missão educativa de fazer perceber às novas gerações que Deus os ama. O cotidiano com sua riqueza e pobreza é o espaço no qual ler os sinais do amor para tornar-nos, por nossa vez, expressão deste amor. A espiritualidade salesiana que vivemos e queremos promover sustenta a consciência de estar imersa numa realidade social, mundial com muitas contradições, mas habitada pelo Deus-Amor.

É sempre tempo de amar, é tempo de cultivar a urgência e a criatividade missionária para levar o anúncio de Jesus Ressuscitado até os confins do mundo.

Entrevista

À **Ir. Piera Ruffinatto**, da Pontifícia Faculdade Auxilium, membro da comissão de redação do documento capitular, perguntamos:

DMA – Qual é o fio condutor ou o eixo de sustentação da reflexão capitular?

O documento nos dá uma síntese do trabalho capitular que apresenta diferentes níveis de leitura. Nele pode-se descobrir um entrelaçamento de linhas que diz respeito à complexidade cultural na qual

estamos imersos, mas também à diversidade do nosso Instituto espalhado pelos cinco continentes e interpelado por múltiplos desafios, tanto externos como internos.

Utilizando uma outra metáfora, as discussões capitulares fizeram emergir o som de diversas notas que pouco a pouco encontrou ordem e harmonia criando um “fraseado”, isto é um tema central no qual é sintetizada a “palavra” das FMA, hoje, às/aos jovens: mensagem que não queremos que fique no papel mas na vida porquanto intimamente ligada ao nosso “ser” e “viver”, aqui e agora, como resposta de salvação e de amor por eles e pelas comunidades educativas com as quais compartilhamos as alegrias e as fadigas da vocação de educadores.

As partes em que se divide o documento capitular exprimem um duplice movimento: de um lado acolhemos com gratidão e responsabilidade o dom da vocação salesiana como chamado do Pai para ser *signal e expressão* do seu amor preveniente entre as jovens e os jovens; por outro lado, como um grande Cenáculo, colocamo-nos em atitude de docilidade à ação do Espírito Santo e nos deixamos guiar por Maria, a mãe de Jesus. Ela nos ensina a olhar nossa realidade pessoal, a das nossas comunidades e a dos jovens, com aquela fé que dá estabilidade ao coração e reforça a nossa confiança na presença de Deus, condutor da história. Com este olhar mais límpido e cheio de fé podemos ir além das aparências para colher os sinais do amor de Deus espalhados neste mundo “dramático e maravilhoso”, a nós, interlocutores de um diálogo sempre aberto; finalmente, o Espírito Santo, fogo de amor nos ilumina sobre os caminhos que devemos empreender com coragem e audácia a fim de realizar uma real e profunda conversão ao Amor de Deus, fonte e realização de todo amor.

DMA – Que elemento pode orientar a comunidade educativa a mudar e a melhorar a vida e a ação educativa?

Durante o Capítulo fomos revigoradas em uma convicção: um dos sinais mais importantes que tornam visível o amor de Deus é a *comunidade*. O amor, de fato, atualiza-se e se faz presente por meio das relações inter-pessoais. Condição de credibilidade e eficácia do amor educativo, então, é o testemunho de uma comunidade que *ama* e que *se ama*.

Diante de uma cultura sempre mais individualista e de uma sociedade caracterizada pela “liquefação” dos vínculos comunitários, trata-se de voltar a acreditar na comunidade como lugar onde é possível criar fortes e estáveis vínculos, onde se educa à escuta e ao respeito, onde há estima recíproca e cada um é acolhido com suas riquezas e diferenças; uma comunidade que compartilha um projeto de vida fascinante e credível; que possui um profundo sentido eclesial e está inserida no território com uma clara identidade, que re-elabora criticamente os grandes desafios da atualidade e se põe em diálogo fecundo com eles.

Os caminhos de conversão para as comunidades nascem daqui e se colocam em estrita continuidade com as orientações das *Linhas para a missão educativa*: se juntas tivermos a coragem de converter-nos ao amor, as comunidades educativas tornar-se-ão verdadeiros laboratórios nos quais, cada qual a partir da própria identidade, responsabilidade e atribuição, vive e age em favor da construção de um novo humanismo que promov a cultura da vida.

DMA – Que lugar ocupam os jovens no documento capitular?

Os jovens são o coração, não só do documento, mas de todo o evento capitular e isto porque eles são o centro da nossa vida, o motivo do nosso existir como Filhas de Maria Auxiliadora, aqueles aos quais nos sentimos enviadas para levar a mensagem do amor de Deus.

Tal centralidade é bem justificada no documento a partir de diversos pontos de vista. Antes de tudo eles são os nossos primeiros interlocutores. No cenário dos numerosos e graves desafios que nos interpelam, em particular e como Instituto, sobressai em primeiro plano o mundo juvenil com suas novas linguagens. Somos chamadas a entrar neste universo com o amor e a paixão educativa dos nossos Fundadores. Sem a sintonia profunda com tudo aquilo que os jovens e as jovens de hoje “amam”, não poderá acender-se a centelha da amizade e da confiança, *conditio sine qua non* que nos permite entrar no seu mundo, porém mais ainda, no seu coração como portadoras do anúncio do amor e da felicidade que vêm de Deus.

Em segundo lugar, os jovens são também para nós uma valiosa “herança”: o amor de predileção por eles, de fato, é um dom que recebemos com a vocação e que queremos cultivar e fazer crescer. Isto nos permite considerar o mundo juvenil como o “campo” que o próprio Deus nos confia para que nós, assim como o sábio agricultor, saibamos oportunamente cultivá-lo e fazê-lo frutificar.

Finalmente, enquanto “coração e centro” da comunidade educativa eles mesmos são os protagonistas da própria vida e os artífices do próprio crescimento. Isto pede de nossa parte acreditar no “ponto acessível ao bem” que existe neles, descobri-lo e fazê-lo vir à luz para que se desenvolva até a sua plenitude.

Entrevista

À **Ir. Maria Maul**, da Inspeção austríaca, pedimos para nos contar a experiência realizada no grupo de redação:

DMA – Como membro da comissão de redação do documento final você pode nos dizer quais foram as dificuldades que precisaram enfrentar na redação do documento capitular?

Quando em 5 de agosto de 2008 me foi dirigido o convite para fazer parte da comissão de redação do documento final, ainda não sabia concretamente que significado teria este compromisso. Disse sim – que outra resposta propriamente poderia ter dado naquele dia?

Tive bem presente porém que não possuía nenhuma experiência nem de Capítulo Geral nem de elaboração de um texto em uma equipe internacional. Agora já fiz esta experiência e posso dizer que trabalhar em conjunto com as outras irmãs da comissão, partilhar com elas a responsabilidade, a esperança, as alegrias e as fadigas da elaboração do documento final foi uma experiência animadora. É certo que as dificuldades não faltaram. A primeira consistiu em que o material a ser elaborado procedente de cada uma das comissões e dos debates em sala, a respeito do tema do Capítulo, era muito abundante. Nem sempre na grande assembléia constituída por 193 pessoas chegava-se a formulações concretas e precisas, portanto era necessário rever, ordenar, sintetizar a rica reflexão, que se alongava em torno das pistas propostas pelo instrumento de trabalho.

Uma segunda dificuldade foi a comunicação, talvez um pouco cansativa, por causa da diversidade das nossas culturas e mentalidades, das nossas linguagens e contextos. Empregou-se muito tempo no grupo de redação para clarificar palavras, conceitos, modos de compreender as várias expressões e conteúdos.

Outra dificuldade foi encontrar uma forma adequada para apresentar de modo claro, espontâneo, os conteúdos que queríamos transmitir a todas as irmãs do mundo. Desejávamos uma elaboração atraente, que pudesse espelhar a beleza do tema do Capítulo *“Chamadas a ser, hoje, sinais do amor proveniente de Deus”*, isto é, exprimir já em sua forma exterior a beleza do conteúdo.

Recordo como um momento não fácil o dia em que nos ocupamos em receber as várias ressonâncias da assembléia capitular para o primeiro esboço do documento. Nós o havíamos escrito depressa devido ao pouco tempo disponível, estávamos também um pouco cansadas e devíamos alterar diversas partes tanto em relação à formulação, quanto aos conteúdos.

No final, a realidade mais difícil a ser aceita, neste tipo de trabalho, talvez tenha sido a de precisar reconhecer que não é possível contentar totalmente a todas. O desejo de levar em conta todas as sensibilidades foi sempre vivo na comissão, mas nem sempre foi possível. Por isso o texto final em um certo sentido permanece algo que não é perfeito, mas que finalmente reuniu o consenso de todas.

DMA – Nesta experiência qual foi o momento que lhe proporcionou maior alegria?

Sem dúvida foi muito bom receber os aplausos que de tanto em tanto eram dados na sala, sobretudo aquele aplauso final que sinalizou a aprovação do documento. Fiquei realmente feliz por termos conseguido entrar em sintonia sobre a expressão concreta daquilo que compartilhamos no capítulo e que queremos continuar a partilhar com as nossas irmãs de todo o mundo. Porém, o que

me deu mais alegria, foi o encontro com as pessoas, a experiência de caminhar juntas. Alegrei-me, antes de tudo, pela internacionalidade que experimentamos em nossa comissão. Escutar as irmãs dos outros países e continentes, ouvi-las falar dos seus contextos, enriqueceu-me deveras fazendo-me compreender muito mais as situações e as sensibilidades diferentes. Apesar da paciência necessária para nos entender bem, alegrei-me com a riqueza da internacionalidade, com as diferenças no Instituto, a partir das quais pudemos fazer uma experiência verdadeiramente única.

Foi muito bom também ouvir as palavras encorajadoras de tantas irmãs, sobretudo nos momentos mais cansativos do trabalho e experimentar a ajuda eficaz de algumas delas que, na segunda fase da redação do documento, juntaram-se à nossa comissão.

A maior alegria porém para mim foi sentir que nos queríamos bem reciprocamente e que esta benevolência crescia exatamente nos momentos mais cansativos. Experimentei o trabalho e o cansaço em conjunto como fonte de amizade entre nós.

Em síntese: Penso que a redação do documento é um pouco comparável ao nascimento de uma criança... A fadiga de escrever será logo esquecida, mas a alegria de haver contribuído para o nascimento de um texto, que é fruto da colaboração de todas, em um clima verdadeiro de "amor preveniente", permanecerá.

DMA – Às FMA que vão ler o documento, o que você gostaria de dizer?

Desejo às minhas irmãs do mundo todo o mesmo sentimento que vou experimentar sem dúvida quando tiver em mãos os Atos do CG XXII. Eu o acolherei com coração muito grato, porque vou me lembrar do caminho intenso feito juntas para redigi-lo, tendo sempre em vista as irmãs das comunidades locais, visando a que o texto fosse de fácil compreensão pela clareza, lógica e beleza e que suscitasse o desejo de ser colocado em prática, isto é, o desejo de conversão ao amor de Deus, que é sempre novo e inexgotável.

Auguro que todas as irmãs possam perceber que no documento final não só escrevemos *sobre* o amor mas que o elaboramos *com* amor.

DMA – Há outras coisas que gostaria de sublinhar ou dizer?

Ao terminar o trabalho na comissão de redação do documento final o único sentimento é a gratidão pela possibilidade de poder ter feito esta experiência. O fato de estar envolvida na redação coral de um texto significativo para todas nós levou-me antes de tudo a apreciar, estimar e amar muito mais os documentos do nosso Instituto (como por exemplo os últimos três: *Projeto Formativo, Linhas Orientadoras da missão educativa, Cooperação ao desenvolvimento*), porque posso imaginar com mais realismo quanto trabalho, paciência e diálogo há em nível mundial, antes de se chegar a uma publicação que pretende tocar a vida.

Sinto muita gratidão pelas irmãs, que investiram tanta energia, criatividade e amor nestes documentos. Mas sobretudo compreendi algo de grande importância para a minha vida. Até agora havia escrito textos sempre sozinha. Pela primeira vez encontrei-me redigindo um texto em conjunto com outras irmãs provenientes de diversas partes do mundo, um texto que não devia espelhar somente as minhas idéias, mas levar em conta os pensamentos e os desejos de todas as capitulares. Compreendi que quando se quer que alguma coisa se torne vida em todas as irmãs e comunidades do mundo, é necessário um modo de escrever que saiba colher a contribuição de todas. Lembro aquele belo provérbio africano, que ecoou repetidamente durante o nosso Capítulo: «*Se queres chegar primeiro, corre sozinho. Se queres chegar mais longe, caminha junto*».



Um Cenáculo aberto

O ícone conclusivo, é um Cenáculo aberto, onde todos, FMA, comunidades educativas e jovens, são convidados a sentir-se parte viva, a fazer experiência de amor, a testemunhar.

Vivemos em um mundo sempre mais rico de descobertas científicas e tecnológicas, mas observando as nossas sociedades pode-se entrever o quanto elas estejam privadas da sabedoria do amor.

Neste sentido sentimo-nos interpelados sobretudo pelos jovens. Eles que se questionam sobre o sentido da existência, que sentem a necessidade de realizar-se como pessoas, que buscam relações profundas, que vivem de modo totalizante a experiência do momento presente, pedem-nos testemunho de um Amor que possa proporcionar felicidade e significado profundo à vida de todos os dias.

O Cenáculo, onde se partilhava o Pão e a Palavra, é um lugar onde os primeiros discípulos e Maria, experimentaram o Amor de Deus que se fez sinal eloqüente no dom do seu Filho único. Mas o cenáculo impele a um êxodo, convida a sair de si.

Quem faz a experiência de amar não pode aprisioná-la. Não pode calar o amor recebido. E por isso o Instituto é chamado a prestar serviço à vida lá onde está mais ameaçada e privada de horizontes de significado, a manifestar concretamente o amor do Pai através do testemunho de cada comunidade local. Manifestar o amor como comunidades educativas, presentes entre os jovens. «Presença que conhece – sustenta a Madre no seu discurso de encerramento – ama, compartilha, acompanha, testemunha a beleza e a alegria da vida que se entrega ao Senhor, responde aos seus apelos, aos seus projetos».

Observando ainda o Ícone do Cenáculo, ele sugere diversas atitudes como a espera orante, o ardor missionário, o colóquio freqüente com o Espírito Santo, a vida partilhada com Maria, a mãe de Jesus, a fraternidade, a amizade, o desejo de comunicar, a todos, a boa nova da ressurreição de Cristo.

«O empenho para centrar nossa vida sobre o Amor – afirma a introdução ao Documento capitular – é o caminho que dará continuidade e profundidade aos percursos das nossas comunidades espalhadas pelo mundo».

Por isso foi escolhido o acompanhamento como experiência de comunhão e estilo para expressar o amor. Os pontos essenciais que embasam os caminhos a serem empreendidos são a centralidade de Cristo, o Espírito do *Da mihi animas e cetera tolle* com um renovado empenho para ser sinais e expressão do amor proveniente de Deus aos jovens, a importância de testemunhar este amor proveniente como comunidade educativa.

AS MULHERES NA PALAVRA

Na escola de sua Mãe

Elena Bosetti

O Rabi de Nazaré surpreende, não só pela abertura do seu ensinamento, mas pelo estilo de liberdade que caracteriza suas relações com as várias categorias sociais, inclusive as mulheres, também as rotuladas como perigosas, estrangeiras, adúlteras, prostitutas.

Onde foi formada esta bela humanidade de Jesus? Antes de tudo na família, sob a guia de José e sobretudo de Maria que, por primeiro, deve ter-lhe falado do Deus da aliança e de sua fidelidade à casa de Israel.

O Verbo encarnado aprende a rezar ao Pai com as palavras que lhe ensina a Mãe; observa e aprende como toda criança, como todo menino que está crescendo.

Mesmo durante a sua vida pública Jesus não desdenha aprender a respeito do mundo feminino. Antes, em alguns casos dir-se-ia propriamente que recebe lição de mulheres.

Maria, mestra no cotidiano



Lucas termina o assim chamado Evangelho da infância com a notificação de que «*Jesus crescia em sabedoria, em idade/estatura e em graça diante de Deus e dos homens* (Lc 2,52). O filho do Altíssimo não queima as etapas do percurso evolutivo comum, vive o processo do crescimento em toda a sua extensão e complexidade, do ponto de vista fisiológico, psíquico, intelectual e espiritual. Cresce na escola de José e sobretudo de Maria. A mulher hebréia, que tem de fato um papel importante na educação dos filhos, é chamada em um certo sentido, a “empastar” a fé com as realidades cotidianas. Maria não se subtraiu certamente a este papel; em primeiro lugar é na sua escola que Jesus cresce em sabedoria e graça. Antes dos ritos e da oração litúrgica na sinagoga de Nazaré –

Lucas lembra que Jesus a freqüentava regularmente em dia de sábado (cf Lc 4,16) – o seu coração fora plasmado pela fé vivida em família, na escuta orante da Palavra e na observância amorosa da lei.

Nada nos foi dito do modo como Maria, junto com José, educou Jesus. O silêncio envolve sua relação com o filho na casa de Nazaré. Seja como for, na escola de sua mãe Jesus aprende a apreciar o trabalho da mulher que naquele tempo incluía, segundo prescrições judaicas: «fazer a massa, preparar o pão, lavar a roupa, arrumar a cama, amamentar os filhos, trabalhar a lã...» (Ketubot, 5,5). Estes trabalhos exigiam tempo e dedicação. No seu ensinamento Jesus lembrará as mulheres que se alternam para moer o trigo.

Talvez quantas vezes terá observado e ajudado sua mãe que amassava a farinha para fazer o pão e escondia nela, o fermento. Ficava encantado com aquela massa que à noite crescia e se inchava! Não é talvez assim também o reino dos céus? «É semelhante a um pouco de fermento que uma mulher mistura em três medidas de farinha, a fim de que toda a massa seja fermentada» (Mt 13,33).

No signo da misericórdia

Na escola de sua mãe Jesus aprende a primazia do que é concreto e o gosto pela vida, como lembra a parábola da mulher que acende a lâmpada e varre toda a casa até encontrar a moedinha perdida (cf Lc 15, 8-10). Aprende a estar na lógica de Deus, que derruba os poderosos e exalta os humildes. Aprende a justiça e a misericórdia. A palavra “misericórdia”, que compõe em unidade as duas estrofes do *Magnificat* (cf Lc 1, 50.54), compôs, também, por assim dizer, o ministério de Jesus, como transparece à mesa com Levi/Mateus, o publicano de Cafarnaum, onde fez calar os fariseus com a citação de Oséias: «Eu quero a misericórdia e não o sacrifício» (Mt 9,13). Lucas parece perceber isto mais que os outros evangelistas, pois, coloca todo o ministério de Jesus entre dois banquetes emblemáticos: o inicial, oferecido por Levi/Mateus, o publicano de Cafarnaum, e o que precede o ingresso de Jesus em Jerusalém, na casa de Zaqueu, o pequeno grande publicano de Jericó (cf Lc 19, 1-10). A misericórdia do *Magnificat* concretiza-se nesta inversão de situações, onde os ricos (de orgulho e presunção) ficam de mãos vazias, enquanto os pobres (de cultura e prática religiosa) experimentam a incomparável alegria de um Deus que, em Jesus, os procura e os encontra.



VIDA  CONSAGRADA E...

Evangelização hoje

Julia Arciniegas

Nos dias de hoje a Vida consagrada põe-se sempre mais a serviço de uma nova evangelização, e o retorno à Palavra de Deus meditada e anunciada, abre novos caminhos para revitalizar os diversos carismas de cada Instituto.

Indiferença ou fome de algo mais?

Diante dos desafios de hoje impostos pelo mundo à vida consagrada (VC) são muitos os questionamentos que ativam a procura de novos caminhos para revitalizar o carisma próprio de cada Instituto.

Como proclamar o Evangelho de modo que toque o coração dos homens e das mulheres, neste nosso mundo secularizado e globalizado? Que caminhos tomar para alcançar os jovens e as jovens, na sua aparente indiferença, que quase sempre encerra uma profunda e inconsciente sede de

verdade, de vida, de amor autêntico? Perguntas estas que ecoam e que também são abordadas pelo recente Sínodo sobre a Palavra de Deus e por ele sintetizadas em forma muito sugestiva pela *Mensagem* final: «*Há, de fato, também na moderna cidade secularizada, nas suas praças e nas suas ruas – onde parecem dominar a incredulidade e a indiferença, onde o mal parece prevalecer sobre o bem, dando a impressão da vitória da Babilônia sobre Jerusalém – um sonho escondido, uma esperança germinal, um frêmito de expectativa. Como se lê no livro do profeta Amós, “eis que virão dias em que enviarei fome à terra, não fome de pão nem sede de água, mas de ouvir a Palavra do Senhor”* (8, 11). A esta fome quer responder a missão evangelizadora da Igreja» (n. 10).

Uma nova evangelização?

Anunciar o projeto de Deus e interpelar a sociedade que não responde, com uma atuação crítica amadurecida na escuta da Palavra e na contemplação do rosto do Senhor nos mais desfavorecidos, é um dever comum a todas as formas de VC. Cada uma delas acentua um aspecto da missão de Jesus, não só no trabalho apostólico, mas também no próprio estilo de vida. Evangelizar, de fato, não é só transmitir uma doutrina mas significa testemunhar e proclamar uma experiência. A espiritualidade não é parte da vida, mas é toda a vida. É uma qualidade que o Espírito imprime naqueles que a vivem. Antes, o testemunho já é, por si mesmo, um modo de evangelizar e pode ser considerado como condição prévia para o anúncio da boa nova. C. Maccise, carmelita descalço e notável teólogo, diz, no seu livro *Cem temas de vida consagrada* (EDB 2007), que a nova evangelização, evidentemente de grande urgência hoje, procura superar os modelos precedentes que tiveram o seu sentido no passado e ainda persistem em alguns setores: o *modelo tradicional*, que insiste na apresentação da doutrina; o *modelo moderno*, que leva em conta a doutrina, mas na medida em que responde às inquietações da pessoa e da sua cultura; e o *modelo libertador*, pelo qual a proclamação do evangelho, é um evento que toca todas as dimensões da pessoa e da sociedade.

Evangelizar, mas como?

A contribuição mais interessante do autor acima citado, para a nossa reflexão, talvez seja a apresentação das características da *nova evangelização* a partir da VC. Considera principalmente três: evangelizar segundo o estilo de Jesus, aceitar ser evangelizados, e evangelizar criando comunidades de fé, unidas em comunhão, dom do Espírito.

Evangelizar como Jesus significa partir, como Ele, sempre da realidade do povo. Jesus fala dos problemas vitais, ilumina-os com a boa notícia do Reino; tem uma visão contemplativa dos acontecimentos: descobre o Pai em tudo; dialoga, não impõe, deixa-se guiar ao novo pelo Espírito.

A nova evangelização *expande-se para ser evangelizada*. O evangelizador descobre as sementes do Verbo, presentes lá onde se encontra, e esta presença de Deus o interpela. A busca orante dos caminhos do Senhor feita fraternalmente, permite uma visão contemplativa da realidade e permite à pessoa perceber a distância que a separa do ponto de chegada para viver coerentemente todos os ensinamentos de Jesus.

Evangelizar implica *criar comunidades de fé nas quais recolhem-se os frutos da adesão a Jesus*: a partir da proclamação da boa nova, cria-se a comunhão para o serviço da comunidade, em torno à Eucaristia. Estes aspectos estão intimamente ligados entre si. A VC tem sentido no interior da comunidade eclesial e não se pode evangelizar sem um testemunho de comunhão. Uma comunhão realista, crítica, que sabe escutar e que busca uma síntese em meio a inevitáveis tensões.

Até os últimos confins...

A nova evangelização requer além disso o empenho profético de anúncio e de denúncia, e a inculturação do evangelho. Exigências estas que impõem à VC sair do centro para a periferia, estar sempre mais presente no mundo das comunicações sociais e abrir-se aos novos areópagos da evangelização para anunciar a partir dali a lógica do Reino.

O desafio do diálogo ecumênico e inter-religioso interpela também o âmbito da evangelização. Descreve-o bem o documento *Linhas orientadoras da missão educativa das FMA*: “Em uma realidade sempre mais pluricultural e plurirreligiosa a perspectiva evangelizadora convida a renovar a paixão pelo primeiro anúncio, a catequese, a missão *ad gentes*, partindo do evangelho, da Igreja como

comunidade de rosto humano que se revela sinal e instrumento do Reino de Deus, a partir do diálogo com as culturas e as religiões.

A evangelização promove intervenções educativas que manifestam o caráter dialógico do cristianismo, o empenho na busca da paz, a defesa da vida e dos direitos humanos, a justiça, a produtividade em vista de um futuro mais agradável de se viver" (nº 49).

Auguremo-nos, neste Ano Paulino, poder dizer com o Apóstolo das gentes: "Anunciar o evangelho não é de fato para mim um motivo de glória; é um dever: ai de mim, se eu não evangelizar!" (1 Cor 9,16).

j.arciniegas@cgfma.org



ECUMENISMO

Um caminho de unidade

Bruna Grassini

A Igreja sabe que é semente, trigo, sal e luz do mundo... Devemos procurar as leis da sua simplicidade, da sua limpidez, da sua força, da sua autoridade. A Igreja deve estar pronta para sustentar o diálogo com todos os homens de boa vontade. Ninguém é estranho ao seu coração. Amar é o nosso mandamento. A Igreja se faz diálogo com o mundo em que vive, faz-se mensagem, colóquio.

(Paulo VI "Ecclesiam Suam")

Jerusalém. Epifania de 1964. O Patriarca Athenágoras de Constantinopla e o Papa Paulo VI, em um abraço intenso de fraternidade, derrubam o muro de silêncio que há mil anos de incompreensão e de hostilidade separava católicos e ortodoxos. A partir daquele momento inicia-se o caminho de unidade da Igreja do futuro. Pela primeira vez um Pontífice visita a terra de Jesus. É 4 de janeiro de 1964: Papa Montini entra como peregrino humilde e trepidante na Basílica do Santo Sepulcro, visita os lugares santos, caminha ao longo da Via Dolorosa em meio a uma multidão transbordante de admiração, de alegria, de festa, quase esmagado por ela. Mas o momento mais intenso de comoção é o do abraço com o Patriarca Athenágoras na sede da Delegação Apostólica. Apenas depois de algum tempo Paulo VI confidenciou ao Cardeal Tisseran que, no abraço de Paz, o Patriarca Athenágoras lhe havia sussurrado: "Ela é a nossa guia: chama-nos, conduz-nos e nós a seguiremos".

Um ano depois, em 7 de junho de 1965, Paulo VI e o Patriarca Athenágoras revogam a recíproca excomunhão datada de 1054.

Inicia-se assim o Diálogo Ecumênico: "colóquio paterno e santo, interrompido por causa do pecado, maravilhosamente retomado no curso da história" (*Ecclesiam Suam*, 42).

Compartilhar a Palavra

A fé nos diz que a unidade da Igreja não é somente uma esperança para o futuro: ela já existe. A unidade todavia não alcançou ainda a sua visibilidade nos cristãos. A sua santidade exige um contínuo caminho de conversão, de renovação. A falta de unidade entre os cristãos é certamente uma ferida para a Igreja.

É necessário que cada um se abra à acolhida sincera da ação do Espírito Santo que quer reunir todos os homens em "um só rebanho sob um só pastor". Por isso a Igreja nos exorta a orar

intensamente pela Unidade dos cristãos: “ser como laboratórios de acolhida, reconhecimento, convivência”.

Chiara Lubich, vinte anos antes do Concílio Vaticano II, exortava a cultivar “a arte de santificar-se juntos” realizar um estilo novo e fraterno de vida eclesial: “ajudar a Igreja a ir com entusiasmo ao encontro do mundo de hoje para levar Jesus vivo a todos”.

O abraço fraterno

Cidade do Vaticano, 18 de outubro de 2008. Na Capela Sistina, pela primeira vez na história da Igreja, um Papa: Bento XVI e o Patriarca Ecumênico Sua Santidade Bartolomeu I encontram-se em um abraço fraterno que abre as portas à Igreja do Oriente.

Um evento sem precedentes na história. Um verdadeiro momento de graça, um passo decisivo no caminho ecumênico.

É a manifestação do Espírito Santo que age, guia as nossas Igrejas irmãs a uma realização sempre mais profunda em direção à plena comunhão, na troca fraterna da riqueza contemplativa do Oriente cristão e do ardor de caridade ativa do Ocidente.

Unidos na Palavra de Deus, somos chamados a testemunhar Cristo em nosso tempo, não obstante a nossa inadequação, fiéis aos ensinamentos recebidos dos Apóstolos, sem preconceitos de raça e de cultura. A Palavra rezada, vivida, compartilhada vence as incompreensões e as divisões. Modelo para toda a Igreja do Oriente e do Ocidente, é o Evangelho do amor, do perdão, da fraternidade.

Monsenhor Gianfranco Ravasi sintetiza a mensagem proposta por este Sínodo como “o mais belo fruto desta assembléia”. E a resume com quatro símbolos: “A Voz da Palavra: a *Revelação*”; o Rosto da Palavra: *Jesus Cristo*”; A Casa da Palavra: a *Igreja*”; o caminho da Palavra: a *Missão*”.

grassini@libero.it



FIO DE ARIANNA

É ainda possível?

Maria Rossi

Vivemos em uma sociedade onde se entrelaçam etnias, culturas e religiões diferentes. Jornais, revistas, televisão, sites web e talvez nossa experiência, nos apresentam uma juventude emancipada, que desrespeita as regras, presunçosa, fascinada por eventos espetaculares. Multiplicam-se os fenômenos de agressividade e de xenofobia, propaga-se o uso das drogas, do álcool e muito mais.

Às vezes observam-se também jovens cheios de vida e de entusiasmo que, com frequência e em grande número, são apresentados no seguimento de cantores, líderes que prometem felicidade, movimentos políticos extremistas e espiritualismos esotéricos. À entrada e à saída das escolas são vistos em grande número com suas mochilas, não entusiasmados, mas como se estivessem sobrecarregados pela cultura, pelo dever. Diante desta realidade, que por sorte não é totalmente assim, uma comunidade educativa se pergunta se é ainda possível educar e como fazer para oferecer os valores que estão tão distantes daqueles abalizados pela mídia, mas que são os únicos a dar sentido à vida e a permitir a construção de famílias e comunidades capazes de conviver no respeito e na paz. Visto que os jovens e também o povo em geral são atraídos por eventos extraordinários que suscitam fortes emoções, às vezes nos amarguramos e nos culpamos porque nos oratórios, nas escolas, nas casas de acolhida não somos capazes de oferecer eventos fascinantes, espetaculares.

Eventualmente pode parecer que uma comunidade religiosa que não desperta entusiasmo e emoção não esteja à altura dos tempos e que se tenha esgotado a sua missão.

Uma leitura da primeira carta de Paulo aos Coríntios – estamos no Ano Paulino – poderia iluminar-nos e guiar-nos para uma possível solução do problema. Paulo de Tarso escreve à comunidade de Corinto, uma comunidade com problemas morais, doutrinários e de convivência. Depois de ter-lhes dado “leite para beber” “ como recém-nascidos em Cristo”, no capítulo treze, oferece um alimento sólido, substancioso, propondo uma meta alta de maturidade humana e cristã.

Naquela comunidade heterogênea composta por castas sociais, etnias, religiões, além do relaxamento moral e das divisões, há alguns que dão muita importância ao *extraordinário*, como a realização de curas e de fatos milagrosos, falar e interpretar línguas diferentes, profetizar, discernir os espíritos.

De fato o povo, os jovens em particular, são atraídos por eventos prodigiosos que suscitam fortes emoções, mesmo se em seguida ou deixam tudo como está ou obrigam a repetir a experiência.

Paulo, considerando os cristãos de Corinto como pessoas que estão em um dinâmico processo de crescimento para a maturidade humana e cristã, depois de ter evidenciado o efêmero do extraordinário que cria emoções, propõe o esforço cotidiano da caridade, do amor.

No capítulo décimo terceiro enumera as qualidades do amor que são também as qualidades relacionais próprias da pessoa adulta e psicologicamente madura e portanto também as de uma educadora, de um educador.

De uma pessoa adulta, de uma educadora, de um educador dever-se-ia poder dizer que tende a ser ou que ao menos um pouco:

- **é paciente.** Hoje a paciência está perdendo terreno. Também nas comunidades religiosas tende-se a querer tudo e rápido. Às vezes confunde-se aquela/e que é paciente com uma pessoa fraca e pouco esperta. Na realidade a paciência é a virtude dos fortes. É um sofrer prolongado no tempo, para deixar aos outros a possibilidade de ser eles mesmos, de utilizar o próprio ritmo para chegar à meta sem constrangimento. Não é uma característica fácil, nem para as crianças;

- **é benigna.** A benignidade é um aspecto da amabilidade, uma disposição a preocupar-se com as pessoas, a ajudar de modo respeitoso, senhoril, não com atitudes de quem faz esmola. É a capacidade de gastar tempo com a outra/o, de entrever necessidades, pedidos não expressos e feridas escondidas. É também aproximação profissional, mas com um toque particular. Em comunidade, quem tem esta característica, corre o risco de ser explorada, assim como quem é paciente. Mas a pessoa que atingiu a maturidade não se aborrece, nem se detém;

- **não é invejosa.** A inveja é um grande empecilho às boas relações. É mesquinhez, cálculo, cria divisões e mal-estar. Exprime-se frequentemente através da murmuração sutil para evitar o risco de falar abertamente. Transparece com frequência no olhar indagador que controla e condena aqueles gestos de bondade e aquelas atenções que superam a medida calculada da justiça, da igualdade para todos;

- **não se ostenta, não se orgulha.** Quem é segura/o não tem necessidade de ostentar-se pelo que tem e pelo que faz. A insegurança, o medo da morte sempre dominante, pode criar uma preocupação ansiosa que leva a acumular bens e saberes (para orgulhar-se). Isto, além de tornar a pessoa centrada em si mesma, pode induzi-la a fazer sentir o peso do prestígio que provém do saber e do possuir para ofuscar a presença dos outros e humilhá-los. A necessidade de gloriar-se para desprezar os outros é também fruto de uma presumida justiça e de inveja. Perante estes adultos, jovens e não jovens, tomam distância. Somente libertando-se do medo e considerando os bens e os saberes como dons a serem compartilhados, pode-se alcançar a capacidade de relações interpessoais educativas e comunitárias, serenas e construtivas;

- **não falta ao respeito.** O respeito é uma atitude fundamental nas relações inter-pessoais. Pode-se faltar ao respeito de muitos modos. Um deles, ao qual se dá pouca importância, é sobrecarregar a outra/o com excessivas expectativas impossíveis de serem satisfeitas. Acontece na relação educativa e também na comunitária, com a consequência de que a pessoa ou explode ou se torna passiva. Quando uma pessoa se sente aceita e respeitada dentro dos seus limites, tem mais facilidade de dar o melhor de si mesma;

- **não busca o próprio interesse.** É difícil que uma relação pessoal seja totalmente gratuita. Há sempre algum interesse. O importante é que se reconheça isto e que se chegue a uma certa reciprocidade no dar e receber. Às vezes, acontece sobretudo entre filhos e pais, procura-se exigir da outra, do outro até esvaziá-la/o. Nas relações não interesseiras, a pessoa deveria poder sentir-se no

dever de corresponder, mas também livre de não fazê-lo. Não está dito também que a mais hábil educadora deva obter respostas cem por cento positivas;

- **não se irrita.** Nas comunidades há pessoas excepcionalmente disponíveis e controladas. Não é uma atitude espontânea, mas fruto de escolhas e de virtude. Geralmente, porém, diante de exigências inoportunas e de contratemplos, tende-se um pouco a *perder as estribeiras*. *O importante é tomar consciência, retomar o controle antes de causar danos e evitar irritar-se por nada;***não leva -**

- **não leva em conta o mal recebido.** Sabe perdoar. Em uma relação inter-pessoal, a capacidade de superar as injustiças e as feridas recebidas, de perdoar, requer plena maturidade humana e algo mais. O perdão é o dom mais elevado que uma pessoa possa fazer à outra. E não é *perdonismo* ou fingimento de que tudo vá sempre bem. No âmbito educativo e também comunitário, perdoar é oferecer a possibilidade de resgatar-se, de retomar, de tentar novamente, não é facilitação ao desempenho: "Tanto, depois ela me perdoa";

- **não goza com a injustiça e se compraz com a verdade.** A pessoa adulta e madura não tolera a injustiça, mas a combate sem violência. Ela goza quando, por meio de uma rede de relações persuasivas, vê triunfar a verdade, especialmente se isto comporta o reconhecimento da negatividade por parte de quem age na injustiça e na acomodação.

Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Estas quatro expressões, sintetizando as características já descritas, as resumem em beleza. **Tudo desculpa.** Não propaga o mal feito aos outros, mas o cobre com um benévolo e prudente silêncio. **Tudo crê.** Mas não é crédula nem ingênua. Conhece as traições, as injustiças, as maquinações dissimuladas, mas não se detém porque sabe que, como mulher, pouco ou muito continuará a viver e, antes ou depois, florescerá. **Tudo espera, tudo suporta.** A pessoa madura sabe esperar também quando isto comporta uma longa gestação, um preço a ser pago. E, para sustentar o bem e a vida, é paciente, espera e suporta mesmo quando toda esperança vem abaixo e alguém parece destruir ou dificultar o bem que, com fadiga, leva avante.

As características da caridade, do amor, expressam-se nas relações com o próximo, com os membros da comunidade religiosa, com as/os jovens.

São atitudes que se manifestam no cotidiano e que, segundo Paulo de Tarso como também segundo a sã psicologia, constroem comunidades fecundas de vida.

Os eventos espetaculares alimentam a emotividade, a curiosidade e podem talvez ter uma grande utilidade, mas, se enfatizados, entram na linha do efêmero.

Nós vivemos e somos para as/os jovens. E, mesmo dando prioridade à fadiga das relações baseadas na amorevolezza, no amor, como nos ensinaram os nossos Santos, é necessário que demos o justo espaço também às festas, às saídas, à recreação, mas na medida em que o extraordinário contribua para a aceitação e a inserção na cotidianidade, a fim de elevá-la e torná-la fecunda.

Para que se possa exprimir as características do amor nas relações inter-pessoais, exige-se a superação das várias etapas do crescimento humano. É de suma importância a aceitação plena daquilo que se é e de tudo quanto a vida ofereceu de bem e de mal para a elaboração de uma identidade pessoal positiva que permita entrar em relação com os outros a fim de doar e fazer crescer a vida. Trata-se de uma plena maturidade humana, bem como cristã. Quando nas relações inter-pessoais prevalecem estas atitudes, as/os componentes das comunidades sentem-se à vontade, podem exprimir-se livremente, sentem-se bem e não procuram o caráter extraordinário para perceber o sentido das coisas. Também no cotidiano sentem-se bem, porque a gratuidade, o amor sem medidas, perfumam de vida e de alegria a casa, a escola, o oratório.

rossi_maria@libero.it



COMO FAREI PARA TORNAR-ME SERENAMENTE UMA MULHER

Querido Diário,
tu o sabes, te escrevo todos os dias e a cada dia
te conto as coisas que acontecem...
O meu bairro é bastante isolado
e a noite é pouco iluminada.
Os homens à noite podem sair.
Meu irmão Lapo vai ao bar
onde pode fazer um joguinho...
não tem medo da noite.
Para nós meninas e para as mulheres a noite é vetada.
Muitos perigos, muitos carros que trafegam,
muita gente estranha circulando.
Gostaria de um mundo
em que homens e mulheres gozassem de igualdade,
com os mesmos direitos e deveres, mas de verdade.
Hoje em dia não é assim.
As mulheres têm salários baixos
e os trabalhos das mulheres
são sempre de menor importância e,
para não perder o trabalho renunciam aos filhos.
Querido Diário,
como faço para me tornar serenamente uma mulher
sem renunciar ao trabalho e aos filhos?

Do livro de Francesca Pansa, *Um mundo perfeito*
Milão, Sperling & Kupfer 2008

A menina

Consideram-nos especiais.
Todavia abusam de nós culturalmente
Somos escravas da casa,
cozinhamos, limpamos a casa,
cuidamos das crianças.
Não nos dão a possibilidade de frequentar a escola.
Usam-nos para aplacar os maus espíritos.
Dão-nos em matrimônio no momento da fome.
Por que a menina e não o menino?
Pais, tendes necessidade de mudar a vossa atitude
dai-nos a mesma oportunidade
e vos comprovaremos que estais errados.
Pais, se educais a menina
educais uma nação.
Necessitamos
que a nossa nação seja educada.

*Poesia de Sarah, 10 anos,
Mureverwi, Chihota, Zimbabwe*

A relação entre o bem-estar das meninas e o progresso da sociedade é um fato reconhecido em nível mundial. O investimento sobre a menina é considerado um dos mais sábios e profícuos. A educação potencia as meninas, oferece o conhecimento e os instrumentos necessários para melhorar sua vida, a de suas famílias e das comunidades.

De acordo com o Programa Mundial de Alimentação para cada ano escolar após a quarta elementar, que as meninas podem frequentar, a remuneração salarial aumenta 20%, a mortalidade infantil cai 10% e o número dos componentes da família diminui 20%. Infelizmente porém, ainda hoje, muitas meninas vivem situações de exploração e discriminação de todo gênero. Das 121 milhões de crianças, aproximadamente, que nunca tiveram a possibilidade de ir à escola, 65 milhões (cerca de 54%) são meninas.

Não há mais desculpas para ignorar que a exclusão das meninas e das adolescentes do sistema educativo não é apenas a negação de um direito humano, mas representa uma grave hipoteca sobre o futuro de uma sociedade. A instrução feminina leva de fato a inúmeros benefícios, para o sujeito interessado e para a sociedade no seu todo.

*Cf WORLD Programme, Educating girls:
The wisest investment of all, in <http://www.wfp.org>, 5.7.08*



Pequenas ações contra a pobreza

Mara Borsi

A austeridade fiscal que as instituições financeiras internacionais, Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial perseguem, atentas para manter baixa a inflação, comporta efeitos desastrosos sobre a capacidade dos Países pobres de financiar os serviços públicos. A inflação baixa traz benefícios às multinacionais, mas incide sobre o gasto público com uma influência direta sobre o setor social, por exemplo: a saúde e a educação. Já é sabido que são as mulheres que pagam as consequências mais graves desta situação, porque não têm acesso aos cuidados de saúde e são as meninas, na maioria, que ficam fora da escola.

No cenário macroeconômico atual observa-se um crescente empobrecimento das mulheres. Apostar nelas, sobretudo nos contextos mais pobres, é de vital importância se se quer tornar as mulheres agentes de transformação da sociedade. No âmbito do poder das mulheres, a microfinança e o microcrédito representam iniciativas capazes de produzir mudanças reais não só do ponto de vista econômico, mas também social, cultural, político.

Diversos contatos

No âmbito da microfinança, fala-se de dois contatos principais: o “minimalista” que se concentra exclusivamente sobre a distribuição dos serviços financeiros e o “integrado” que abrange serviços de suporte técnico à atividade desenvolvida pelos beneficiários além dos serviços financeiros.

O contato escolhido pelo Instituto é o “integrado” que abrange uma série de serviços em nível social, cultural e técnico. Fundamentalmente, tal contato inclui três fases: a análise da situação, a constituição do grupo e a avaliação periódica.

A análise da situação estuda o contexto procurando fazer emergir tanto os aspectos problemáticos quanto os recursos. Isto requer o conhecimento direto das condições de vida e do melhor caminho para a sua melhoria. A visita às famílias é o instrumento prioritário nesta primeira fase. Em alguns contextos, sobretudo nas zonas rurais, é igualmente importante aproximar-se dos chefes das aldeias e das comunidades com a finalidade de encontrar neles os melhores aliados para sustentar os projetos.

Na fase da *constituição do grupo reúnem-se as mulheres e se lhes oferece* uma formação no contexto sócio-cultural, com programas de alfabetização e promoção cultural, com o objetivo de elevar sua auto-estima e capacidade de liderança. A formação no âmbito do trabalho abrange uma vasta gama que vai das atividades agrícolas à criação de animais, do corte e costura às pequenas empresas (produção de bolsas, sabão, velas e outras). A respeito da formação econômico-comercial são promovidas atividades para a aprendizagem da contabilidade, do uso da conta bancária, da poupança, do microempreendimento, da capacidade de fazer contrato com os bancos e de todas as atividades ligadas à comercialização, como o conhecimento das dinâmicas de mercado, o transporte dos produtos e os contatos de compra e venda. Quanto à formação sanitária são propostas atividades para a higiene pessoal, o cuidado com o ambiente doméstico, a alimentação sadia, o conhecimento das doenças que podem ser prevenidas, a medicina alternativa, o cuidado com a saúde, com o HIV/AIDS. A formação e sensibilização política é orientada pelo conhecimento dos direitos mas também pela participação ativa nos mecanismos da política em nível local. A formação espiritual é proposta através dos momentos de oração e celebrações religiosas em diálogo também com outras religiões e culturas. Uma vez formados os grupos, são decididos os critérios dos projetos de microcrédito, os prazos e as condições para a restituição do crédito, a frequência do encontro grupal.

O grupo decide sobre a frequência da *avaliação periódica* e leva em consideração a situação da restituição de crédito de cada membro seu. O grupo torna-se o espaço fundamental também para enfrentar situações de emergência. De fato, se algum membro seu encontra-se em dificuldade, é ele que toma as devidas providências para oferecer um apoio e cria assim o círculo da solidariedade. Deste modo, o grupo se torna a garantia fundamental para a restituição dos créditos.

Na maioria das vezes, a microfinança é levada adiante por meio do fundo rotativo, que oferece a possibilidade de alargar o círculo de benefício a um maior número de mulheres. O crédito restituído por uma é oferecido a outra e este contínuo investimento aumenta o impacto do fundo ao mudar a vida de mais pessoas e famílias.

mara@cgfma

Confecção de velas em Maputo (Moçambique)

Em Maputo, capital de Moçambique, cidade em via de expansão pelo comércio e turismo, existe um alto percentual de desemprego. Muitos jovens dos bairros da periferia procuram trabalho para sobreviver e não o encontram. Ir. Maria Luisa Spitti com um grupo de moças começou a produzir velas na base de um crédito de 5000 euros. Tais velas são muito requisitadas pelos pobres, porque em suas casas não há luz elétrica, pelos turistas e pelas igrejas para o culto. As velas importadas são muito caras e as produzidas no local não cobrem a demanda do mercado. Com o trabalho de um ano o grupo pensa poder alcançar o auto-sustento. Sendo assim, as moças começaram a produzir velas para o uso familiar e doméstico a preços acessíveis, velas decorativas com produtos naturais como flores e perfumes, com formas típicas da cultura como tamborins, cabanas etc... para oferecer nos pequenos mercados dos turistas e, finalmente, velas litúrgicas para as igrejas.



Intus legere

Mara Borsi

A rubrica *Pastoralmente* tenta propor uma leitura crítica de alguns fenômenos juvenis. Um olhar que explora e que quer sair dos lugares comuns. Deseja-se ler “o que está fora do texto”, as provocações de um mundo juvenil sempre mais complexo e articulado, para captar suas necessidades, desafios e oportunidades.

Nos diversos contextos, os jovens apresentam-se como uma realidade complexa que os adultos e a investigação científica têm dificuldade para interpretar. A pesquisa teórica atualmente não considera mais os jovens como sujeito social e define a sua condição como “geração invisível”, “geração sem”. Sem identidade, sentido, valores, responsabilidades, trabalho.

Com o rápido e constante desenvolvimento das novas tecnologias estão se impondo alguns termos para indicar os jovens como *geração digital*, *net gen*, *geração y*.

Uma geração, a atual, capaz de utilizar contemporaneamente vários meios de comunicação e de se expressar com uma variedade de linguagens do áudio ao vídeo, à animação criada pelo computador; uma geração líquida continuamente em movimento, com uma identidade que não se deixa prender. Uma geração sempre mais predisposta ao risco e à transgressão, com uma memória curta, ancorada no presente e com poucos projetos para o futuro. Poder-se-ia continuar aproximando ao infinito os pontos de vista de proeminentes estudiosos e as investigações sociológicas que tentam

definir os contornos de um mundo diversificado e plural. O perfil traçado pelas mídias submissas à notícia capaz de atrair a atenção de um vasto público, alude sobretudo às façanhas estrepitosas dos jovens, à violência, à dependência da droga e do álcool sempre mais difundida e generalizada nos diversos continentes.

Muitos adultos se refugiam em expressões do tipo *o mundo enlouqueceu, as novas gerações não possuem valores...* e outras mais.

As expressões vagas não servem para nada, ou melhor são úteis para ocultar a raiz dos problemas. Experimentemos simplesmente inverter a ótica.

Olhemos o mundo com os olhos dos adolescentes e dos jovens. O que eles leem na sociedade adulta? Proximidade ou prepotência, em formas ora veladas, ora explícitas? Sentido do bem comum ou individualismo, corrupção? O primado do ser ou do aparecer? O mal-estar das novas gerações não é senão a outra face da medalha, e denuncia o mal-estar dos adultos.

Caçadores de escuta

É muito fácil aos adultos sentir-se semeadores, eles sempre têm algo a dizer a nós jovens. Raramente se sentem "campo", como se nós jovens nada tivéssemos para dizer, mas apenas para aprender (Ubaldo 18 anos).

Os adultos não valorizam as nossas coisas. Até meu pai e minha mãe já não precisam de mim, sinto-me inútil (Raffi 15 anos).

Em todos os contextos e nas diversas culturas as jovens gerações reclamam um ouvido que saiba escutar. É esta escuta que eles procuram por toda parte: porque se alguém está disposto a escutar significa que existe alguém que se tocou e está disposto a acolher.¹

É forte nos adolescentes e nos jovens, a necessidade de sentir-se reconhecidos, aceitos como pessoas. Desejam uma relação personalizada, um vínculo que permita a superação da solidão e do isolamento, querem visibilidade também como confirmação de existência.

Os jovens, as jovens, por meio da escuta, experimentam a dedicação. Só assim poderão, posteriormente, ser capazes de assumir o cuidado de si mesmos e dos outros. A experiência de dedicação conduz à percepção de um horizonte de sentido mais amplo, abre o espaço ao ato de fé nos outros e no Outro transcendente.

Na África como na Europa, na América como na Austrália, na Ásia as jovens gerações assim como navegantes perdidos em meio ao oceano, procuram uma bússola para encontrar a rota. A cultura contemporânea oferece companheiros de viagem que fornecem os mapas topográficos das possibilidades, mas que permanecem calados ou incapazes de relatar as suas experiências, a ponto de deixar os jovens não tão libertados, quanto sozinhos. Em uma sociedade plural, multicultural, todos devemos enfrentar o desafio da identidade. Desafio que toca particularmente os jovens indecisos entre o niilismo, o relativismo e o fundamentalismo.

Que fazer então como adultos, como acompanhantes educativos enquanto estamos empenhados ao lado dos jovens, nos tempos e nos lugares em que isto se faz possível?

É fundamental para todos – consagrados, consagradas, leigos, leigas – exercer a responsabilidade educativa com a consciência de que cada qual realiza uma tarefa profética. Tarefa que deve ser assumida com postura preventiva e preveniente a fim de desenvolver propostas e percursos educativos concretos. Itinerários destinados a considerar melhor a relação entre a dimensão racional e a dimensão da afetividade, dos sentimentos, das emoções. Tendo presente que o alfabeto das emoções tem uma eficácia não comparável ao da racionalidade, enquanto orienta para criar, inventar, propor aos jovens momentos de socialização que passam pela expressão, participação - mais que pelo usufruto - pela linguagem narrativa, simbólica, musical, teatral, multidimensional. Nesta direção assumem significado todas as iniciativas que valorizam as experiências de educomunicação. E não poderia ser precisamente este o caminho para recomeçar a comunicar a fé em Jesus, aos jovens?

mara@cgfma.org

¹ Cf AMBITO COMUNICAÇÃO SOCIAL, *Educomunicação. Com pequenos passos na nova cultura*, Cong 4, Roma, Instituto FMA 2008, 8-9

Medo no mundo

Graziella Curti

Fala-se de medo planetário. Tem-se medo do futuro, medo do terrorismo, do ambiente. Medo da guerra. Medo da solidão. Medo dos relacionamentos humanos. Medo do vizinho de casa, do estrangeiro. Medo da ciência. Parece que o medo seja propriamente o *leitmotif* do Terceiro milênio.

Alguns falam de uma campanha desenvolvida por algo que nos ultrapassa. Uma campanha posta em jogo a partir do 11 de setembro e que tem como objetivo o controle das pessoas para constrangê-las a aceitar guerras preventivas, presentes e futuras.

Em setembro passado, realizou-se em Roma o *Fórum Social Mundial* ao qual participaram sociólogos, economistas, psicanalistas, escritores e cientistas do mundo todo. O tema tratado: *Diálogos para combater os medos planetários*, criou condições para a reflexão sobre este sentimento de extrema insegurança que invade a humanidade e o cosmo. Foi feita uma pesquisa em 10 metrópoles do mundo (Roma, Paris, Londres, Moscou, Cairo, Mumbai, Pequim, Tóquio, Nova York e São Paulo do Brasil) e constatou-se que a cifra interpretativa dos nossos tempos, o medo do terceiro milênio, é a reação social às grandes mudanças globais, como a multiplicação dos riscos reais ou pressentidos, a diminuição dos níveis de segurança individual, a exposição a eventos repentinos capazes de subverter, em poucos minutos, os destinos do hemisfério inteiro.

Que segurança?

“O medo é líquido e gruda como uma cola” – diz Bauman na sua *lectio magistralis ao World Social Summit* de Roma. E continua: «Busca-se agora proteção contra os clandestinos, contra os terroristas potenciais e os atentados kamikase. Fazer passar o Estado como aquele que sabe reconhecer um kamikase é uma grande oportunidade para restabelecer a sua credibilidade e restaurar a disciplina. Esta nos demonstra que o medo é um capital».

O comércio do medo e do desejo de segurança tem implicações não só políticas e sociais, mas também econômicas: os relatórios anuais do Sipri (*Stockholm International Peace Research Institute*) e o relatório de 2003 do *United for a Fair Economy* mostram com frequência a evidência cotidiana de como as campanhas eleitorais sejam financiadas pelos produtores de armas e vice-versa, assim como nas dinâmicas políticas (propagandas, debates, talk-show, comícios, etc.) o tema da segurança desempenha um papel dominante pela conquista do poder.

Sempre a partir do Sipri temos visto como intervir em conflitos armados, fomentar a insegurança nacional e internacional, ter medo de estar no centro de futuros possíveis ataques ou de uma ameaça constante na vida de cada dia, sejam estratégias que aumentam as despesas militares dos Estados e, por conseguinte, a renda das indústrias produtoras de armas que têm parte significativa na balança econômica de um Estado.

Há também um medo que faz audiência. Uma invasão de crônicas negras saem continuamente das TVs. Um lamaçal viscoso e pútrido de violências familiares, raptos, abusos de crianças indefesas, “semienfermidades mentais” inunda as televisões a cada dia, invade inteiras páginas de jornais, instala-se firmemente nas “bandas protegidas” das TVs, acostumando pequenos telespectadores de todas as idades às infâmias mais obscuras e inomináveis da vida.

Professores na escola com armas

Certo distrito do Texas disse sim à diretriz que entrou em vigor na reabertura dos estabelecimentos de ensino, isto é, que os docentes estejam armados. Deste modo, seria garantida a segurança dos

alunos. Satisfeitos os pais dos estudantes. Não só, mas seria oferecido aos professores um curso para “a gestão do ataque”.

Vittorio Chiari, educador salesiano, descreveu o fenômeno que gera medo, mas procurou especificar suas causas primeiras e, por conseguinte, seus possíveis remédios, que resultam muito diferentes de opor violência a violência.

«A violência chama-se abuso, agressividade, chacina, homicídio, pancadaria; encontra-se nas primeiras páginas dos jornais, nas imagens televisivas em todas as horas do dia e da noite. Os políticos se reúnem, os jornalistas enchem as páginas dos cotidianos, os especialistas (os mesmos de sempre) decidem, o povo simples, honesto e trabalhador invadido pelo mar da violência escrita e falada, procura segurança, pede leis e penas mais severas, controles mais rígidos.

Porém, certas páginas de sangue não seriam talvez tão frequentes se as várias TVs locais e nacionais não fossem “silos” de violência. Queixamo-nos dos jovens que não sabem respeitar os adultos e as tradições, mas como podem fazê-lo quando diariamente assistem a debates entre surdos, entre gente incapaz de contribuir para libertar o País dos desastres da economia e dos ainda mais arriscados, da falta de ética, de leis, de normas?».

O apelo de Patrícia

Uma jovem, Patrícia Cori, escreveu no seu blog: «Quem não admitiria ficar assustado com o lugar obscuro para onde os chamados líderes, auto declarados “homens de paz”, estão conduzindo a espécie humana inteira? Quem não é capaz de reconhecer os sinais de rebelião da terra contra o mau uso que empobreceu os recursos do planeta, poluiu os mares e destruiu as grandes florestas, nossa alma, nossa fonte, nosso respiro vital? Eu digo que agora é tempo de transformar esta paralisante e difícil situação de medo em vibração mais elevada: atenção vigilante e instinto penetrante. Sustentemos as nossas convicções embora permanecendo abertos às dos outros, sem medo do nosso compromisso de mudar o mundo, um mundo que, sabemos, pode ser melhor.

Agora é o momento de colocar à prova as áreas de acomodação e ir além de suas fronteiras. Levantai-vos da cadeira e deslizai no fluxo de consciência onde se argumenta que tais convicções são postas em ação. Recusai ser manipulados pelas máquinas e pelos mensageiros do poder. Fazei-vos porta-vozes das próprias resistências, escrevei cartas, deixai-vos envolver. Sustentai a humanidade inteira, participando dos protestos pacíficos e fazendo algo de importante diariamente em vossa vida.

Não há espaço para o medo agora. Não há espaço para a raiva.

Somente nós podemos romper as cadeias».



Disseram...

Disseram:

Trata-se de achar o fio da meada de uma sociedade onde se perdeu a coesão entre os indivíduos, o betume que a mantém em pé. Uma sociedade fragmentada é uma sociedade de medo, em que cada qual se isola do outro. *(D. Colmegna)*

Não temos talvez todos de alguma forma medo – de deixar entrar Cristo totalmente em nós, de nos abrir totalmente a Ele – medo de que Ele possa roubar algo de nossa vida?... Quem deixa Cristo entrar, nada perde... não tenham medo de Cristo! Ele não rouba nada, e dá tudo. *(Bento XVI)*

A ausência de medo não significa arrogância ou agressividade. Esta última é em si mesma um sinal de medo. A ausência de medo pressupõe a calma e a paz da alma. Em vista desta é necessário ter uma viva fé em Deus. *(Gandhi)*

Os nossos medos são líquidos, contagiam e não contagiam dependendo de quem os vende: política e economia. *(Zygmunt Barman)*

JOVENS.COM

Geração "Y"

Maria Antonia Chinello e Lucy Roces

No planeta jovem irrompe a Geração Y, a nova geração "toda virtual", a dos digitais natos: seu universo é a web. Os jovens entre 13 e 29 anos vivem de SMS e de Webcam, são assíduos frequentadores das comunidades on-line, como MySpace e SecondLife, dos jogos como Warcraft, não perdem um vídeo no YouTube, para eles Skype não representa problemas, têm um blog como diário virtual e utilizam curiosos nickname no lugar do seu verdadeiro nome.

Echo Boomers. Millenials. Net Generation. Chegamos ao final do alfabeto. No momento os sociólogos preferem identificá-los como Geração Y para distingui-la da Geração X que é a dos adolescentes. A Geração Y (Gen-Y) passou e, faz pouco tempo, deixou a adolescência, mas encontra-se em uma fase de vida rica de incógnitas, incertezas e angústias. Pertencem a esta geração os nascidos entre 1977 e 1995. Com a idade inferior aos 30 anos, frequentaram universidades, mestrado e escolas de especialização; apresentam-se ao mundo do trabalho, mas sem a certeza de que a sua qualificação lhes dê um emprego decente, pelo menos como o de seus pais.

Desde crianças tiveram familiaridade com os vídeo-jogos, cresceram com a Internet, com os *network sociais* de Facebook e MySpace, com o iPod e o iPhone. IM, SMS e e-mail são os canais preferidos para expedir a "correspondência". A TV, digital naturalmente, serve para capturar o último programa preferido para ser incluído em um calendário pessoal e ser visto no pequeno vídeo-fone.

Uma pesquisa da *Harris Interactive* evidenciou que esta geração, somente nos Estados Unidos gasta 172 bilhões de dólares ao ano, influenciando também grande parte das decisões de aquisição de um público mais adulto, tendo os pais à frente.

Quanto à pesquisa italiana realizada pelo Instituto *B&F* (sobre uma amostra de 400 jovens entre 18 e 25 anos) foi revelado que a Internet é o meio de comunicação mais usado nesta faixa etária (95%), seguido pelo rádio (70%), TV clássica (64%), emissora musical MTV (29%), Sky (7%). Os sites mais

visitados são os de música (43%), seguidos pelo futebol (24%), informações (20%), viagens aéreas (17%). 42% dos jovens entrevistados envia de 10 a 19 sms por dia, 40% expede de 1 a 9.

Sempre conectados

Quais são as características desta *Geração Y*, nascida numa sociedade globalizada onde os limites impostos pelas categorias do tempo e do espaço desaparecem gradativamente?

- a facilidade de viajar;
- o domínio das novas tecnologias;
- uma visão positiva diante das transformações;
- a capacidade de inovação;
- o pragmatismo e a ambição;
- a possibilidade de acesso à informação;
- a facilidade de aprendizagem.

Não se deve pensar, porém, em uma geração apática ou privada de emoções, mas em jovens que se colocam como “observadores” dos fenômenos sociais, a que se adaptam e se ajustam. E também, o modo com que experimentam sexo e amor, por exemplo, evidencia uma profunda emotividade, se bem que oculta em um universo multimídia: é como se um pudesse viver sem o outro, como num vídeo-jogo, onde realidade cotidiana e dimensão virtual se alternam sem resolução emotiva, mesmo se apenas na aparência.

Os filhos, mais que ninguém, experimentaram a falência das relações familiares com a separação e o divórcio dos pais; a ausência do pai e da mãe em casa, sempre mais distantes da família devido ao trabalho. São consumidores obstinados, mas ao mesmo tempo sensíveis ao envolvimento pela defesa dos direitos humanos e pela denúncia das injustiças sociais.

De que lado estamos nós?

Uma pesquisa feita em 2006 pela Igreja anglicana com o título *Making Sense of Generation Y*, interpelou os jovens a fim de “procurar compreender” e para propor percursos e itinerários educativos visando a entender suas linguagens e expressões. A relação final revela que “Os jovens são felizes em sua vida cômoda e acomodatória, porque não sentem necessidade de um horizonte transcendente, de entrar em diálogo com um Outro, sobretudo porque, a Igreja os aborrece e é irrelevante em sua existência”. Nesta geração, o sentido do pecado é mínimo, não há sentimentos de culpa, nenhum medo da morte.

Existe um contraste entre a “filosofia” de vida da Geração Y – uma vida geralmente boa – e as representações do sentido comum, descrito também pelos meios de comunicação, como jovens em risco de desordem alimentar, consumidores de drogas, aliciadores de suicídio, agressividades e abusos sexuais. Não se apresentam desencantados, ausentes do resto do mundo: o significado e o sentido da vida para a Gen-Y reside em um “aqui” e “agora”; o futuro é de curto alcance, restrito ao imediato.

Uma pesquisa feita na Austrália pelo Padre Michael Mason, um religioso redentorista (*The Spirit of Generation Y*) afirma que os jovens não são “pesquisadores espirituais”, mas revelam uma aproximação muito individualista da vida e da espiritualidade e, de fato, não são atraídos pelas religiões tradicionais. Apenas um pequeno percentual admitiu praticar ativamente uma religião. Muitos sustentam que tudo é relativo e que não há direitos e deveres definidos para todos.

Encontram grande segurança nas relações íntimas com a família e com os amigos. Escutar música, trabalhar, estudar são as atividades que mais os envolve. Buscam um mundo de paz, seguro.

A partir daqui, quais as implicações para o sentido e o significado da nossa missão entre os jovens na Igreja? Como dialogar com esta geração, como ser entre eles “sinal” e “expressão” de um amor que previne, assim como nos pediu o Capítulo Geral XXII, há pouco tempo concluído? Como responder à sua necessidade de felicidade, ampliando seus horizontes e referências, para que sejam como queria Dom Bosco: “felizes no tempo e na eternidade”?

Percursos de aproximação

A celebração da Jornada Mundial da Juventude em Sydney no verão passado, colocou em cena os jovens do Papa. Muitos entre aqueles que se fizeram peregrinos, eram jovens – ao menos cronologicamente – da *Geração Y*. O Papa Bento XVI condenou o relativismo e a apatia, relançando a importância da unidade e da esperança, traçando um programa de renovação espiritual e social, a partir dos próprios jovens.

É urgente criar dia por dia “outras” conexões. É indispensável começar a trabalhar com esta *Geração Y* em busca de respostas a questionamentos reais e relevantes.

É necessário agir com autenticidade, entrelaçar diálogos a partir de temas interessantes, significativos e importantes para eles, tirá-los de sua apatia para fazê-los perceber que são importantes e preciosos, porque portadores de oportunidades, de recursos impensáveis, de esperanças e de horizontes amplos. Por que não sulcar os seus caminhos, cruzar os seus atalhos, atravessar as suas linhas de sombra e de pontos de encontro? Por que não entrar em suas “conexões”, em seus sites de networking social? Facebook, MySpace, LinkedIn... Por que não mudar-nos, a nós mesmas: 1) tornando-nos boas escutadoras com o coração, deixando de lado por um momento a cabeça; 2) discutindo com eles e deixando-nos alfabetizar a respeito dos seus processos de comunicação; 3) saindo dos esquemas do “controle de comando” para tentar participar; 4) abrindo-nos à mudança e à inovação; 5) aprendendo a compreender pela experiência, a trabalhar juntos, a entrar em rede estreitando relações fortes e autênticas, baseadas na reciprocidade do dar e do receber?

mac@cgfma.org – slmroces@cgfma.org

A outra Rede

Damos início a uma série de contribuições sobre o *Free and Open Software* para descobrir a outra face da Rede, empenhada em difundir e em tornar acessível o conhecimento e o saber, as aplicações e as oportunidades, para que a Internet e as novas tecnologias não sejam “direito” de poucos, mas recursos para muitos. O movimento conhecido como FOSS (*Free and Open Source Software*) já está confirmado em várias partes do mundo, e para Julian Fox, salesiano, é “o caminho para a democratização da informação e da cultura em Rede”. Compreender a filosofia do *Free and Open Source Software* (*Software livre e Fonte Aberta*) não é simples, porquanto trata-se de duas realidades diferentes, mesmo se muito convergentes.

Free Software, assim definido pela Richard Stallman e pela *Free Software Foundation (FSF)*, é o programa que os usuários podem copiar, distribuir, estudar, mudar, redistribuir livremente. Mais precisamente, prevê-se a liberdade de: entrar no programa com alguma finalidade; estudar o programa nas suas partes e adaptá-lo às próprias necessidades; redistribuir as cópias e ajudar deste modo a quem tem a mesma necessidade que eu; experimentar o programa e tornar públicos os resultados, para a comunidade da Rede.

Se se requer um *software* livre é porque o software atualmente “não é livre”. Há de fato o *software proprietário*, porque alguém que inventou o programa é seu proprietário. É o caso dos programas de marca Microsoft, Apple, Symantec, etc. O software proprietário não pode ser modificado, é vetado copiar e distribuir cópias, não é possível, sobretudo, entrar no código que está na origem e que permite ao programa funcionar. O *software livre* pede que os programas sejam livres, mais baratos, gratuitos se possível. O FOSS é um bem social, que se contrapõe à filosofia do *software proprietário*. O *software livre* nas nações em vias de desenvolvimento, onde os preços para adquirir as licenças são altíssimos, pode significar liberdade de acesso ou gratuidade na aquisição. O movimento do *software livre* já abrange todas as categorias de programas: Ofícios, Arquivos *managers*, Internet. P2P, Chat, Segurança, Network, Servers, Áudio, Vídeo, Imagens, 3D, CD/DVD, Codecs, System Utilities, UI Enhancements, Hardware monitoring/Benchmarking, Games, Education, Miscellaneous, Wallpapers.



Anna Mariani

Resenha de sites interessantes

www.annopaolino.org

O site da abadia de São Paulo está em 5 idiomas: italiano, inglês, francês, espanhol, alemão; é um site muito rico que tem a finalidade de acompanhar os “peregrinos” neste ano jubilar proclamado por Bento XVI por ocasião do bi-milênio do nascimento de São Paulo.

É possível “**descarregar**” o “**Programa Geral**” do Ano Paulino para difundi-lo por toda parte e em cada comunidade: paróquias, jovens, dioceses, etc.

O objetivo do Site é fornecer um válido suporte para preparar um itinerário espiritual a partir da figura do Apóstolo Paulo.

www.ahrchk.net

Asian Human Rights Commission (AHRC). O site, em língua inglesa com material também em outros idiomas entre os quais italiano, francês, alemão... da Comissão para os direitos humanos na Ásia, concentra a sua atenção sobre o vínculo entre os sistemas judiciários e os direitos humanos, colocando em evidência que os obstáculos aos sistemas judiciários, sejam eles econômicos, sociais, culturais, civis ou políticos, devem ser removidos se as sociedades desejam alcançar os direitos humanos.

www.lettereapaoline.it

O site www.lettereapaoline.it por enquanto está só em língua italiana com alguma contribuição em língua inglesa. Ele pretende pôr-se como lugar de divulgação crítica, de debate e de aprofundamento, de acordo com um justo equilíbrio entre as exigências de divulgação e as possibilidades de reflexão especializada. É articulado em diversas seções, que representam outras tantas modalidades de proposta: **Para conhecer Paulo**: crônicas, comentários e reflexões sobre o apóstolo, segundo um percurso dinâmico e progressivo que acompanha o leitor ao longo de todo o Ano Jubilar, semana por semana: começando pelo exame das fontes, passando pela vida, viagens e uma apresentação sistemática das cartas e do pensamento de Paulo, segundo uma perspectiva histórica.

Documentações Gerais: artigos e intervenções de especialistas, também do passado, sobre temas particulares a respeito de Paulo e do seu ambiente histórico-cultural. **Perspectivas paulinas**: apresentação de entrevistas inéditas e de colóquios com personalidades do mundo cultural, acadêmico e religioso, em torno de temas ligados ao apóstolo. **Cartilha do Cristianismo**: materiais de caráter didático, fichas informativas, fragmentos antológicos e breves intervenções de debate. **A imagem de Paulo**: itinerários iconográficos, artísticos e arqueológicos ligados à figura de Paulo. **Contatos e recursos**: “mapeamento” dos recursos presentes na internet, para o estudo e a pesquisa em torno de Paulo e do cristianismo dos primeiros séculos. **Paulus 2.0**: o blog do site, concebido como instrumento de informação histórico-religiosa, naturalmente com a possibilidade de comentário por parte dos leitores.



Gomorra

de Matteo Garrone – ITÁLIA – 2008

O filme dirigido por Matteo Garrone é extraído do célebre best-seller do jovem principiante Roberto Saviano (nascido em Nápoles em 1979) que já vendeu mais de 1.200.000 cópias e foi traduzido em 33 países. É chamado o livro-escândalo, fortemente acusatório contra as atividades camorristicas da Campânia, a tal ponto que desde a sua publicação em 2006 o autor vive ainda sob escolta, sujeito a ameaças ininterruptas. O filme de Garrone não só conquista o júri de Cannes que lhe assegura o “Gran Prix”, prêmio mais importante depois da Palma de ouro, mas a partir desse prestigioso festival é indicado para disputar o Oscar: foi escolhido como “melhor filme estrangeiro”, a obra que representará a Itália na disputa para a classificação, em 2009. O filme «constitui certamente uma realização muito importante, rica de significados civis, culturais e sociais – comenta o deputado Tino Lanuzzi diante da notícia desta indicação – trata-se de um fato ainda mais relevante nesta fase tão terrível e decisiva da luta que o Estado, as instituições, a política e os partidos têm a responsabilidade de conduzir contra a camorra e todos os poderes criminais». Felicita o filme e renova sua admiração, como também o seu forte agradecimento, aos dois autores – o do livro e o do filme – por esta produção «que pertence de modo exemplar à corajosa batalha em prol da civilização, legalidade e salvaguarda da nossa democracia». A avaliação Pastoral define-o obviamente ‘discutível e problemático’, mas deve ser conhecido, utilizado e debatido, pelas temáticas de vital atualidade que aborda: Delinquência do menor; Gângsteres; Jovens; Literatura; Poder; Violência.

Ação, estilo e reportagem

«A matéria da qual se fala é obscura, pegajosa, mortífera, infetada de podridão:... tão visivelmente potente – disse o diretor – que me limitei a retomá-la com extrema simplicidade, como se eu fosse um expectador que chegou por acaso (...)». Lê-se de fato a obra de Saviano como um romance-inquérito que documenta ao vivo os crimes da camorra, não só em Nápoles e na Campânia mas também nos mais impensados fóruns internacionais. Por questão de tempo cinematográfico Garrone desenvolve cinco histórias. Embora ambientando-as nos mesmos lugares onde se verificaram, entre Scampia, o Casertano, Castel Volturno, não cita explicitamente nenhum, «quase querendo denunciar/indicar a sua dramática onipresença, ou realmente a universalidade “daquele Mal” representado pelo sistema» (G. L. Rondi). Violência, terror, sangue. Garrone os representa em ambientes sombrios, tecendo nestes cenários as várias histórias com grande habilidade. Tudo num mesmo clima: o cinismo, a falta de piedade, a desistência de considerar nem que seja por um instante, as conseqüências atroz dos próprios gestos – por interesse e por dinheiro. Concede apenas uma exceção, o indício de um único arrependimento: o de um jovem, Roberto (Carminio Paternoster), que, assim que foi diplomado, é elogiado por poder ser, por algum tempo, o assistente de Franco (Toni Servillo) o Boss – “doutor” elegante e insuspeito – que se enriquece com lixos tóxicos. Abertos os olhos, não poderá aceitar por muito tempo que a vida de um operário do norte seja paga com a vida de uma família do sul, obrigada a beber água poluída pelos lixos tóxicos do primeiro. Mas é uma gota no mar daqueles resíduos, de toda aquela humanidade doentia. Neste filme, não há tempo para compreender quem está certo e quem está no erro, porque as pistolas, como os personagens, às vezes não entram em tempo no enquadramento e já disparam a sua sentença de morte. O valor de Garrone está em manter-se distante da exibição: documenta depois de ter escolhido os cinco episódios menos ligados à crônica, mais universais e imediatos. Documenta por meio da escolha dos lugares (em primeiro plano as Velas, o triste e célebre bairro de Scampia, gueto-prisão com arquitetura terrível, também em sentido figurado) e das pessoas: os rostos, as luzes, os

rumores, os dialetos, as músicas. Ligadas, também elas, ao ambiente que as contém e que as projeta para fora, confundindo-se com os disparos, os choros, naquela aparente “normalidade” doentia e impotente, dificilmente curável. A sua denúncia está simplesmente nos fatos, as cinco histórias verdadeiras: a de Totó, 13 anos, que vive nas Velas de Scampia e sonha tornar-se camorrista, a de Pascoal, o alfaiate explorado e obrigado a explorar – sempre por avidez – uma legião de chineses ilegais também eles banhados em lágrimas e sangue. Garrone não suaviza estas angustiantes realidades, não as julga e não as submete ao teste da verdade, porque não há necessidade: sabemos que tudo é tragicamente verdadeiro. Mas a partir do seu silêncio lança uma pergunta que vai diretamente às consciências: é ainda lícito saber e permanecer - viver indiferentes?

PARA FAZER PENSAR

Sobre a idéia do filme:

- ***O barulho de dinheiro. O cheiro de sangue. O olhar dos cadáveres. O reino da camorra napolitana como uma “Gomorra” universal, imagem chocante da cidade-símbolo incendiada no livro do Gênesis.***

“O Senhor ama o direito e a justiça” cadencia o esplêndido estribilho do versículo que acompanha a rítmica do Salmo 32 com inflexível vigor. Em Gomorra, ao invés, é o dinheiro o infernal veneno que move interesses, decisões, vontades. Naquela terra o sangue não conta, a vida nada vale.

Assim se inicia esta película: «com uma carnificina aos raios UVA nos quais o sangue se faz cobalto e o rito *kitsch* do bronzamento total, um açougue. Logo depois, ao rumor seco dos disparos e às risadas escarnecedoras dos matadores, substitui um suave roçar de dinheiro» - comenta eficazmente Ciak. O contabilista da camorra, encarregado de distribuir o salário aos que têm um parente morto assassinado ou na prisão, conta velozmente maços de euros amarrotados. Não aqueles estalantes dos bancos, mas os sujos e fétidos de quem pagou a sua parte. Em poucas e magistrais sequências Matteo Garrone põe as cartas sobre a mesa. Aqui se fala de Sangue, Dinheiro e Poder. A “Gomorra” bíblica do nosso potente e desorientado milênio...

Sobre o sonho do filme

- ***uma denúncia dura mas feita por amor, na expectativa de um futuro melhor, na esperança de um envolvimento das consciências.***

A proposta do diretor é desconcertante – declara o comentário da Comissão para a Avaliação Pastoral do filme. Sobretudo porque faz flutuar o relato em uma espécie de resignado desespero. Como se fosse possível olhar com indiferença um mundo (que está aqui, ao nosso lado) onde respeito e compreensão foram banidos e a vida humana é carne para o matadouro. O olhar ‘neutro’ do habilíssimo diretor não oferece soluções, mas a sua angustiante dureza é central e impressiona de modo inexorável. «Coloca diante da lama daqueles retratos de miserável existência a fim de despertar para uma consciência eticamente forte, capaz de criar margens de resgate, de piedade, de partilha da dor». Em uma palavra, despertar para uma co-responsabilidade que – dentro dos limites possíveis - cada qual possa fazer-se militante ativo e solidário.



ESTANTE

Vídeos – *Mariolina Parentaler*

A raposa e a menina

LUC JACQUET – FRANÇIA – 2008

O filme é uma rajada de ar fresco. É uma jóia respirá-lo. Os jornais o exaltaram sobretudo com este título: «Um hino à natureza, entre fábulas e realidades». Traz a assinatura do estimado documentarista francês Luc Jacquet, notável biólogo cujo talento cinematográfico e amor ao meio ambiente se desposam na predileção mais explícita pelo mundo animal que declara o próprio diretor – «me confere sempre histórias e obras extraordinárias».

No centro da obra estão os dois personagens anunciados pelo título: uma raposa e uma menina. O filme os apresenta imersos em um ambiente fabuloso de prados, torrentes, montanhas e grande extensão contemplativa, filmado em parte na região do Ain, pátria do diretor, e em parte no parque Nacional d'Abruzzo. É a história simplicíssima do encontro, no bosque, de uma menina com uma raposa fêmea, que recebe o nome de Titou. Depois de uma série de emboscadas furtivas para se conhecerem e se encontrarem, o animal e a pequena conseguem olhar-se nos olhos e começa a magia. Da desconfiança passa-se à cumplicidade, depois à confiança recíproca, e enfim a uma alegre amizade que se dilata em brincadeiras, corridas, perseguições, descobertas, despeitos, até que Bertilla lhe põe o freio. Mas quando a menina tenta fazer o acompanhamento – fechando Titou no seu quarto para tê-la sempre perto - vê-la-á afastar-se para sempre. Aprende que o amor não pode ser possessivo e que a liberdade de cada ser na sua natureza, é sagrada: nem mesmo o amor tem o direito de colocá-la em discussão. Jacquet quis que este suave episódio fosse relatado pela própria protagonista que se tornou mãe, ao seu filhinho de modo que, no filme, tudo se nos apresenta como se fosse a pequena Bertilla a ver, a comentar, a julgar. Sugere a contemplação, lenta e modelar, dos ritmos da floresta e da vida dos animais, longe dos adultos e do seu universo. Dado o frenesi e a fragmentação a que a linguagem contemporânea da imagem costuma submeter, a concentração que esta obra requer, sobretudo aos menores, não pode deixar de agradar.

Bee Movie

STEVE HICKER, SIMON J. SMITH – USA – 2007

Trata-se de uma bela fábula, dinâmica, veloz, intensa nos fatos e na substância. É a história de uma abelha que não se contenta em ser “operária”. A neo-laureada Barry B. Benson – jovem abelha macho não pretende dedicar toda a sua vida à produção do mel na fábrica da colmeia e decide partir para descobrir o mundo externo. Chegando à cidade de Nova York a curiosidade o levará a encontrar e a fazer amizade com alguns humanos, entre os quais Vanessa a vendedora de flores de Manhattan, e a brigar com outros, a ponto de chegar a promover uma causa contra a utilização não autorizada do mel por parte de toda a população mundial... A história narrada acontece, portanto, em dois mundos: a colmeia, uma verdadeira cidade que abriga casas, máquinas e fábricas, e Nova York, onde os chamados “eixos do pólen” (ou a equipe especializada das abelhas engajadas neste departamento de trabalho) vão recolher o néctar e polinizar as flores. Na figura estilizada e elegante do desenho animado em 3D da Dreamworks, a passagem da colmeia ao Parque Central, é esplendidamente fluido e harmonioso. Segue um voo constelado por incidentes de percurso do protagonista lançado entre os arranha-céus de Nova York, mas tecnologicamente e estilisticamente resolvido de modo tão gracioso e eficaz a ponto de tornar completamente natural ao espectador, acompanhar esta saída transgressiva de Bee. E não nos surpreende nem mesmo encontrá-lo no tribunal, empenhado em uma disputa contra os homens culpados de explorar o duro trabalho das abelhas, roubando-lhes o mel... Em suma, a magia da animação computadorizada e a força da convicção que anima a narrativa – impregnada de transbordante ironia já a partir do título (que significa “filme sobre abelhas”, mas também “de série b”) – conquistam totalmente, sem silenciar uma denúncia semi-séria “anti-corporação”. Estilisticamente impecável, Bee movie evidencia, por meio do desenrolar do relato, o

cuidado pela criação, a necessidade do diálogo, a confiança recíproca, o respeito pelo desempenho de cada um.

LIVROS - *Adriana Nepi*

Fábio Bertapelle

Escuta os campos de trigo

EMI – 2008

O autor é um agrônomo que declara haver experimentado na própria pele os efeitos nocivos de uma desatinada agricultura industrial que não respeita a terra com suas leis vitais e, por conseguinte, de uma indústria da alimentação que sacrifica a saúde física e psíquica do homem, na lógica voraz do lucro. “Vivo numa propriedade rural vêneta – exorta – que não reconheço mais, sufocada por hipermercados e armazéns, cimentada com casas de campo e estradas de rodagem. O pouco de terra que resta é intoxicada pelos venenos químicos. Ontem mesmo havia as amoreiras, as cercas vivas, as árvores nas esquinas, campos extensos e margens sombreadas, calmas fontes...”

Livro de agradável leitura, que sabe tocar problemas sérios com humorismo e poesia.

Esoh E – R. Marchionni

Direito social, novo caminho da intercultura

EMI – 2008

O progressivo aumento da presença de alunos estrangeiros em nossas escolas, de agora em diante torna indiscutível um sério empenho por uma integração que não comprometa um desenvolvimento sadio e harmônico das pessoas. Quando o aluno acabou de chegar ao nosso País, o problema mais imediato e visível é o da língua, que se põe também, sempre com mais frequência, aos alunos nascidos na Itália ou já suficientemente donos do italiano. Na realidade cada criança, cada jovem, traz em si, absorvido pela família e pelo contexto em que vive, um conjunto de estereótipos, preconceitos, esquemas mentais que constituem um obstáculo às relações livres e serenas. Trata-se exatamente dos assim chamados direitos sociais, que são aqui propostos como ponto de partida para uma sã formação intercultural.

O livro apresenta uma rica exemplificação metodológica e didática, fruto da experiência atuada em um grande plexo escolar italiano. Por meio de estratégias apropriadas à idade e aos tipos de escola, os alunos são levados a manifestar seus conhecimentos e suas impressões (os italianos a respeito dos estrangeiros, os alunos estrangeiros sobre a Itália), portanto a um livre confronto, o qual, pela mediação respeitosa e discreta do professor, os induz reciprocamente a tomar consciência das idéias errôneas ou muito aproximativas (as construções mentais, precisamente) que trazem dentro de si, superando assim toda barreira psicológica ou mental.

Mariarosa Cutillo

Novas estratégias contra a exploração do trabalho infantil

EMI – 2008

O trabalho infantil seria, já por si, algo contrário à lei e aos mais elementares deveres para com os menores. Mas o que dizer quando se sabe que mais de 200 milhões de crianças não são simplesmente crianças trabalhadoras, mas escravas de uma verdadeira exploração? Desde as usadas em atividades realmente criminais até aquelas que são obrigadas a trabalhar em condições desumanas: em ambientes nocivos, sem nenhum cuidado com a saúde e sem o controle dos horários estafantes. O que fazer? Para nós educadores, educadoras há a grave obrigação de iluminar e despertar as consciências, falando à inteligência e sobretudo ao coração. Porquanto não haverá lei que valha para impedir a desordem moral se as consciências estiverem adormecidas.

A elegância do ouriço

Muril Barbery

Edição Mondolibri – 2008

Publicado na França em 2007 com enorme sucesso, agora está recebendo por parte dos leitores italianos consensos entusiásticos com críticas ferozes.

Trata-se na realidade de uma história singular, que parece querer refletir mesmo com sua objetiva inverossimilhança, a nossa sociedade atual, saturada de cultura, de bem-estar e pobreza de alma.

Em um elegante condomínio de Paris, moram famílias da alta burguesia: diplomatas, intelectuais, banqueiros. De sua guarita, a porteira vê desfilar diariamente exemplares de uma humanidade pretensiosa, que esconde sob estereótipos enfraquecidos o próprio vazio interior. O olhar penetrante da mulher encarregada da portaria os conhece e os analisa. Ela não, ninguém a conhece verdadeiramente: sob as monótonas aparências da mulher inculta e de aspecto desleixado, que finge passar os dias com a televisão sempre ligada na indolente companhia de seu gato, esconde-se uma autodidata de vasta cultura, plena das mais refinadas curiosidades intelectuais. Nada faz para revelar-se, paga para viver, protegida por uma espécie de consciente aristocracia interior, no seu mundo tão diferente daquele, vazio e desprezador, que lhe passa adiante a cada dia.

Há também uma excepcional menina, que vive no grande palácio: o pai é um ministro, que na intimidade familiar revela-se um pobre homem, vaidoso e medíocre, a mãe uma mulher ansiosa e inconcludente. A irmã maior, Colombe, é uma normalista intelectualmente dotada mas superficial e condicionada por um contexto social em que aparecer é mais importante que ser: “caótica interiormente, vazia e confusa ao mesmo tempo” define-a sem cerimônia Paloma, de doze anos, que se sente estranha àquele clima familiar e também ela, como a mulher da portaria, gosta de esconder-se; refugia-se pelos cantos silenciosos e... mergulha naqueles pensamentos que diz ser profundos. Decidiu que, no dia do seu próximo aniversário tirará a própria vida e, depois de ter calculado bem os tempos e os estratagemas para salvaguardar a segurança dos familiares e dos condomínios, colocará fogo no apartamento: pelo bem deles – pensa – para impor a todos, um salutar renascimento...

O romance é uma alternância paralela dos solilóquios de Renée, a viúva de cinquenta anos, fechada na sua guarita, com os “pensamentos profundos” da juvenzinha. A autora não se preocupa em mascarar a inverossimilhança daquilo que é um simples expediente narrativo. É ela que, com sua linguagem erudita e irônica nos conduz por meio de uma trama de pensamentos e de avaliações cativantes, colorindo-os de modo sugestivo ao atribuí-los às protagonistas da história.

A um certo ponto começa a morar no condomínio um novo inquilino, um japonês abastado, que, livre dos preconceitos classistas, dotado de sólida cultura e fina sensibilidade, não tarda a descobrir quão atraente personalidade se esconde por trás da insignificante aparência da porteira. Também Paloma, através de alguns encontros esporádicos, intuiu na mulher, tão verdadeira na sua dignificante descrição, algo que a atrai por uma secreta afinidade e, pouco a pouco, se estabelece entre elas uma espécie de cumplicidade afetiva e genial. Mediador discreto desta nova amizade é exatamente o novato, o senhor Kakuro. Acaba por se tornar o frequentador da guarita, provocando uma onda de curiosidade e de espanto incrédulo nas ricas e presunçosas vizinhas. O homem trata com um misto de galanteio e familiaridade afetuosa a porteira, obriga-a quase a sair da “clandestinidade” e, também, a transformar com simples toques de elegância o próprio aspecto físico.

Uma trágica reviravolta trunca bruscamente a narrativa, salvando-a de uma prevista conclusão banal e confere, finalmente, às protagonistas aquela veracidade humana que não prevalecera em suas reflexões desencantadas e com frequência aridamente “niilistas”. Paloma, em contato com a dor, descobre-se a pré-adolescente psicologicamente amarga e egocêntrica e entrevê, mesmo que vagamente, um novo sentido àquilo que lhe parecia o absurdo da vida.

O que dizer deste best-seller? Basta a elegante fluidez do estilo, o *espírito* tipicamente francês que o perpassa para julgá-lo uma obra-prima? O livro é um pouco o espelho de uma cultura capaz de

esconder sob brilhantes jogos de artifício o extravio de quem renegou as próprias raízes? Aflora no relato, para fazer-se mais explícita e comovente no final, a saudade de valores perdidos, mas tudo fica no plano das sensações, das emoções. Procurar-se-ia em vão uma necessidade autêntica de verdade. A insistente alusão à natureza puramente animal do homem (em definitivo – notifica a menina – somos apenas primatas programados para comer, dormir, reproduzir) pelas protagonistas, dá a medida do que seja o relativismo moderno e o desabusado ateísmo no qual fatalmente se decide: nada de ataques polêmicos, nada de perguntas angustiantes, mas alguma coisa de previsível, de definitivamente adquirido. As perguntas existem, às vezes profundas mas livres daquela sã inquietude que sempre nos acompanha a uma sincera atitude de busca: ficam como que suspensas no vazio. A menina superdotada, que denuncia com cruel lucidez a falsidade social que a circunda é posteriormente ela mesma filha de uma cultura já debilitada. Adverte-se para a prevalência de uma inteligência sem bússola, que ultrapassa os limites da sã razão e, na sua auto-suficiência, acaba por renegar-se a si mesma.

As últimas páginas, que parecem ser a parte mais bem sucedida do livro, encontram, ao invés, maiores reservas por parte de não poucos leitores. A morte, que é um pouco a grande mestra da vida, sugere aqui momentos de notável beleza: e é sintomático que ela seja instintivamente removida.



NO PRÓXIMO NÚMERO

PRIMEIRO PLANO:

As mulheres na Palavra

As mulheres da paixão de Jesus

EM BUSCA:

Pastoral-mente

A vida paralela

COMUNICAR:

Jovem.com

Wil-Videojogos

Sobre o Capítulo Geral

Estou certa de que vocês também estão na mesma situação que a minha. A inspetora e as delegadas ao CG voltaram para casa cheias de entusiasmo e de material para compartilhar conosco, pobres irmãs que permaneceram em casa a esperá-las.

Livros, cd, dvd, ppt, me parece a lista de alguns tipos de remédios anti-gripais, mas são todas coisas essenciais para poder transmitir-nos o Capítulo.

Bem, mas eu na realidade o vivi quase diretamente. No sentido de que, nunca tivemos diariamente no site do Instituto, notícias, vídeos, entrevistas, como este ano. A minha diretora estava felicíssima, pois, por dois meses teve material em abundância para as boas-noites. Nós já sabíamos, toda noite começava mais ou menos assim: «Continuemos a acompanhar as nossas irmãs que estão em Capítulo, a propósito hoje fizeram isto e aquilo». Cada boa-noite, uma atualização em primeira mão a partir do Capítulo Geral, ao menos assim nos pareceu a nós, que não pudemos conectar-nos diretamente pela Internet. Imaginamos.

Encontros, reuniões, festas, trabalhos, eleições, muitas culturas, muitos rostos. Eu porém fiz uma idéia toda minha. Revelo-a a vocês porque sei que há afeto e que, desde já, perdoam qualquer intemperança desta pobre irmã “rica de anos e de experiências” (já não se sabe mais o que inventar para não usar a palavra “velhice”). O Capítulo é antes de tudo uma ocasião para dizer-nos que, como Instituto queremos ser unidos. Durante três anos, nas comunidades, procuramos fazer reentrar as atividades naquilo que o Capítulo nos sugeriu, e por outros três anos começamos a pensar naquilo que o Capítulo sucessivamente nos deverá dizer.

Apesar disso, houve uma “novidade” que superou tudo. Temos uma Madre francesa. Realmente temos três Madres... uma em exercício e duas eméritas... isto é, que merecem ser chamadas Madres por aquilo que fizeram e deram ao Instituto. Na verdade, não posso lamentar-me. Tenho três madres, 14.000 irmãs, cerca de mil casas. Poderei dormir quase tranquila, mas saibam, na minha idade deseja-se sobretudo estar rodeada de netos. Moças, rapazes e, por que não também, jovens fma.

Em seguida, as novas conselheiras... de tantas nações diferentes e com nomes que seguramente vou demorar seis anos para aprender. Quem sabe se estarei ainda no próximo capítulo... os anos já são deveras tantos... mas espero, particularmente nestes que me restam, ver concretizado o espírito de Pentecostes, que tantas vezes foi citado... pelo menos pela minha diretora.

A foto vencedora do concurso Foto Klik



AMIZADE EM CADA IDADE

*Nicole Ann F. Galang Balibago
Angeles City, Pampanga*

PALAVRA DE DEUS

**“Deus vos falou em meio ao fogo:
o som de palavras ouvíeis,
nenhuma imagem víeis,
apenas uma voz!**

(Dt 4, 12)

